

## **A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim**

Elódia Xavier

No livro *Que corpo é esse?*, me dediquei a construir uma tipologia com dez tipos de representações corporais, presentes em narrativas de autoria feminina. Partindo sempre dos textos, contos e romances, elenquei os tipos mais frequentes: corpo invisível, corpo disciplinado, corpo subalterno, corpo violento, corpo envelhecido, corpo imobilizado, corpo degradado, corpo refletido, corpo erotizado e corpo liberado. Este último só aparece a partir de meados do século passado, enquanto o corpo disciplinado, por exemplo, é muito frequente no século XIX e início do XX. Fato bastante compreensível, uma vez que a literatura acompanha a evolução das práticas sociais.

O trabalho de resgate da obra da sergipana Alina Paim me possibilitou o contato com três livros muito especiais, não só porque se articulam entre si, mas também porque, de fato, narram a vida da mesma personagem, Catarina. *O sino e a rosa* (1965), *A chave do mundo* (1965) e *O círculo* (1965) formam a Trilogia Catarina, enfocando momentos importantes da sua trajetória existencial. O que lhes garante a unidade é o fato de serem produtos da memória da protagonista, sentada no topo da escada, aguardando a revelação dos sintomas da doença da filha, prostrada pela febre, no berço ao lado. Num estilo denso, repleto de símbolos e referências textuais, o narrador constrói o percurso do tempo do orfanato até o momento presente. A filha, Augusta, aguardada durante oito anos, representa a realização de seus desejos, agora ameaçada por um mal desconhecido. Entre o recurso ao termômetro e a administração do antitérmico, Catarina, escritora por vocação, revê toda sua vida, entremecendo várias temporalidades, num processo labiríntico, sem perder o fio da meada. Da roda dos enfeitados à condição de esposa e mãe, o narrador enfatiza aqueles momentos onde a integridade da protagonista esteve ameaçada, prevalecendo sempre o corpo liberado.

Do ponto de vista técnico, os três livros apresentam uma curiosidade. Há um narrador em terceira pessoa que comanda a narração dos fatos, mas são muito frequentes as interferências do pensamento da protagonista. A intimidade que se estabelece entre esse narrador e Catarina é tão grande,

que confunde o leitor. Por vezes, o narrador se questiona, como se fosse a própria protagonista: “Vinte e sete horas sob o sino. Terminaria aquele suplício? Não se satisfez ainda a Madre Superiora com o exemplo dado ao colégio?”<sup>1</sup>. Trata-se de um mediador, de um *alter ego* criado pelo autor, para nos transmitir os fatos e as impressões sobre eles<sup>2</sup>. É o autor implícito, cuja onisciência está restrita aos atos e pensamentos da protagonista. O que nos faz pensar numa narrativa de natureza autobiográfica, dada a intimidade entre narrador e protagonista, como se nota no trecho abaixo:

Retira a mão da testa da criança e o calor permanece-lhe na pele. Os cabelos sobre a franha, secos e emaranhados. Vinte e quatro horas sem contato do pente. Quando ia Augusta deixar pentear-se sem gritaria e zanga e lágrimas? Cachos enroscados e secos. Falta-lhe coragem para impor mais um suplício, se de meia em meia hora cresce diante da menina, dragão armado de colher e xícara, obrigando-a a engolir drogas amargas, pegajosas, horríveis (SR, p. 14).

Em *O sino e a rosa*, encontramos Catarina como órfã num educandário de freiras. Tendo sido deixada na roda dos enjeitados, não conhece pai nem mãe, mas alimenta sempre a esperança de encontrá-los. Irmã Júlia e Madre Tereza são, de maneira diversa, importantes na sua formação:

Duas mulheres semearam ternura naqueles anos. Diversos foram os resultados do carinho. Uma procurava amortecer-lhe os sentimentos, empurrando-a para a humildade. Outra, espicaçando-a sem tréguas, gritava-lhe o valor de um caráter, que todo o fardo tem de ser levado de cabeça erguida. Amou com devoção as duas mulheres, aquela que a recebia todas as manhãs e a outra que a esperava à noite, uma de cada lado do pesado portão. Educandário e Orfanato. Irmã Júlia e Madre Tereza, luzes contraditórias que procuravam identificar a verdadeira saída da planície. Lonjura que se desdobrava diante de seus olhos adolescentes, interminável, entrecruzada de caminhos (SR, p. 30).

Graças a sua inteligência e aplicação, torna-se uma aluna brilhante, destacando-se entre a igualdade das órfãs. Queria ser a “circunferência

<sup>1</sup> Paim, *O sino e a rosa*, p. 107. As referências aos trechos da trilogia da autora serão dadas dentro do texto, com as siglas SR, CM e OC – para os livros *O sino e a rosa*, *A chave do mundo* e *O círculo*, respectivamente – seguidas do número da página.

<sup>2</sup> Cf. “Autor implícito (o alter ego do autor)”, em Booth, *A retórica da ficção*.

quadrada”, apesar de todas as circunferências serem redondas. Irmã Júlia a adverte do perigo da inteligência, enquanto Madre Tereza a incentiva a ser mais. Da combinação dessas duas mentoras e da dualidade Educandário, espaço do desigual, e Orfanato, espaço do mesmo, formou-se uma adolescente com respostas sempre prontas para toda e qualquer situação.

Como *Bildungsroman*, *O sino e a rosa* narra o processo de formação de Catarina criança e adolescente. Trata-se de um processo doloroso, sendo ela uma enjeitada no Orfanato à espera de adoção. Vamos, aqui, apontar os momentos mais dramáticos em que a protagonista teve de superar obstáculos e lutar contra poderosos adversários. O caso do castigo sofrido por ela, quarenta horas em pé na coluna do sino, é paradigmático da sua força de caráter. Sentindo-se injustiçada, não pede desculpas: “A resposta é a mesma, não peço perdão nem que o mundo desabe” (SR, p.109). Reconhece que este castigo faz parte de sua aprendizagem, ao mesmo tempo em que lhe fortalece o espírito para os embates da vida.

Debaixo do sino começa a existir realmente, nessas horas cabem mais pensamentos e emoções que no escorregar dos dias, em tarefas rotineiras. Sofrer apura a vista? Não a vista dos olhos que vêem o céu, os estefanotes da latada, as uvas maduras de Madre Superiora, os rostos de freiras e de alunas. Pensa em uma vista oculta, o enxergar da compreensão (SR, p. 111).

Madre Tereza a chama de “espadachim”, graças a sua vocação para a luta. Do episódio do sino ela sai vencedora. Depois das quarenta horas de castigo, Madre São João, causadora do embate, pede-lhe desculpas – “Catarina, me perdoe” – mas ela ainda deseja a impossível reparação: “Que me podem dar? Que milagre farão, capaz de me restituir a menina que eu era?” (SR, p. 123).

Madame Jordão, a presidente das Damas de Caridade e *persona grata* às freiras pelos benefícios prestados ao Educandário, convida Catarina para um passeio de carro pela cidade, que ela desconhece. Quem sabe um teste para adoção? Catarina volta decepcionada do passeio. Em lugar de atenção e carinho, uma postura fria, distante e um pacote de frutas como presente. Diz o narrador: “Com o erguer do véu e o descalçar da luva quanto sofrimento e amargor seriam poupados, às três pessoas que viajavam no carro, naquela tarde de novembro” (SR, p. 39). Vitória Jordão é uma personagem

importante na trama romanesca. Mulher de muitas posses, casada com um engenheiro mais moço do que ela e sem filhos, pode vir a ser a mãe adotiva, tão sonhada por Catarina. Mas de feitio altivo e distante não preenche a sede de afeto da órfã. Nas férias que passa no Palacete, são inúmeros os presentes que recebe, sem que sua carência de amor seja saciada. Este romance termina com a partida de Catarina do Orfanato para ir morar com Madame Jordão. Adoção? Ainda é cedo... Diante da novidade, uma grande expectativa: “O mundo, uma casa e uma ternura – tudo vou possuir ainda hoje” – pensa ao vestir-se. “O rosto de Vitória como, sem o véu? E o toque das mãos nuas?”. “Abaixo véus e luvas! Gritava-lhe o coração, um revolucionário” (SR, p. 162).

Madre Tereza ao se despedir dela, numa referência ao discurso bíblico, valoriza suas qualidades: “Menina, talvez sejas mais rica do que Salomão. Tens uma rosa, uma espada e um sonho” (SR, p. 171). Aqui, a “rosa” é a referência a um conto escrito por Catarina, e significa taça da vida, fonte de alegria; espada dá conta de sua vocação para a luta, dentro dos princípios nobres; e sonho tem a ver com seu desejo de ser escritora, como Júlio Verne. Madre Tereza é uma personagem complexa, que foge aos padrões das religiosas do Convento. Seus conselhos contradizem, quase sempre, o modelo exemplar, como aquele que profere na despedida: “–Vozes sensatas já lhe avisaram que o mundo é perigoso, negro, cheio de ciladas, vale de lágrimas e de tentações. Acrescento, Catarina, o mundo é belo e merece ser conhecido” (SR, p. 170).

O livro termina exatamente no momento em que se abre a porta do Orfanato e ela recebe a “luz da rua”. “Ia de mãos quase livres, ia a andar e pensando: ‘Segunda metade do meu nascimento. E levo uma rosa, uma espada e um sonho’” (SR, p. 171). E *A chave do mundo* começa com o desapontamento que a espera no carro vazio. A ausência de Madame Jordão, em virtude de outros compromissos, tem um efeito demolidor, como revela seu pensamento: “Não veio, ela não veio na hora que não se repete. A primeira saída, sem igual. Todos os números são outros números de continuação, só o primeiro é singular. E neste minuto, ela não me viu o rosto nem descobri em seus olhos tudo o que espero, tudo de que preciso” (CM, p. 8). Esta ausência marca o início de um relacionamento frio, embora repleto de presentes. A temporada no Palacete vai ser solitária, cheia de expectativas que não se realizam:

Humilde coração em sobressalto, atento aos passos e à voz de Vitória. Punha-se, deliberadamente, no seu caminho. Esperava um sorriso, uma palavra, contato despre-

ocupado e terno, um pedido de tempo e de préstimos. Quando começavam as relações de afeto que, forçosamente, iam nascer da permanência sob um mesmo teto? Estágio de adoção deve ser noivado, em que dois projetam o futuro, como se demarcassem os canteiros num jardim, com a escolha das flores e a preocupação daquilo que lhes dá frescor, beleza e perfume (CM, p. 23).

Essas são palavras do narrador, que expressam o mundo interior da protagonista, cujo sonho de ternura e afeto não encontra espaço no orgulho de Vitória. Maurício, o marido mais jovem, é que vai se aproximar de Catarina, convidando-a para a biblioteca, para a praia, para o jardim e vai acabar se apaixonando por ela, que se recusa à entrega total. Presenteada por ele, no Natal, com numa boneca importada, seu pensamento se volta para a infância no Orfanato, quando uma boneca preencheria todos os seus sonhos.

Dona Laura é uma personagem importante. Faz parte das Damas de Caridade, grupo liderado por Vitória. Mas se destaca do grupo pela sua autenticidade, pelo amor à natureza e aos filhos, ambos seminaristas. Ela se solidariza com Catarina e a convida para passeios, juntamente com o filho mais novo, Daniel, de férias em casa. Nasce, então, um amor adolescente entre Catarina e o seminarista, portanto, já fadado ao insucesso... Mas são cheios de descobertas aqueles dias de férias, que lhe revelam um mundo desconhecido.

A religião católica, com seus rígidos preceitos, domina o primeiro e o segundo livros da Trilogia. Formada pelas freiras do Orfanato/Educandário (*O sino e a rosa*), e amando Daniel, o “cordeiro” que ela sonha roubar de Deus (*A chave do mundo*), Catarina mantém-se presa à religião, só rompendo com a Igreja em *O círculo*, o último livro da Trilogia. Contudo, ao final do segundo livro, já se notam sinais de afastamento. Dividida entre o desejo de Maurício e o amor de Daniel, recusa o domínio da Madre Superiora, mas volta ao Convento nas férias para fugir da presença de Maurício. Só Madre Tereza a compreende e a apoia neste momento de crise: “Catarina, todos os pecados já foram cometidos, tôdas as paixões experimentadas” (OC, p. 173). Suas palavras, que não se pautam pelos preceitos religiosos, mas por uma íntima compreensão do mundo, ajudam Catarina a liberar sua sexualidade. Pensa ela, ao final: “Por que não me entrego? Quem sabe se com isto não acendo a terceira luz, a que revela o mundo sem fronteiras, de pura liberdade?”.

No início de *O círculo*, encontramos Catarina no topo da escada, velando a filha doente. Este tempo da enunciação retorna sempre prendendo, como

uma âncora, as reminiscências ao momento presente. Volta ao passado, quando se encontra encerrada no hospício para onde Vitória a mandou depois de sua atitude violenta ao enfrentar as Damas de Caridade. Chamada para o tradicional almoço de sábado, puxa a toalha, jogando tudo ao chão e desmascara as “beneméritas” senhoras revelando seus podres. Está fora de si, pois durante a noite decidiu se matar ingerindo uma mistura de tudo que encontrou na farmácia. Apela para o suicídio como forma de punição, uma vez que encontrou Vitória chorando por ter sido abandonada por Maurício. Diz ela na carta que escreve a Daniel: “Assim que resolvi matar-me. Primeiro de impulso, logo em seguida deliberadamente. Chamei isto de resgate. A morte pareceu-me morte de outrem, como se eu fosse duas: bem e mal. Eliminava o mal” (OC, p. 25). Maurício é um dos vértices do triângulo amoroso. Homem maduro perdidamente apaixonado pela juvenzinha. Dividida entre o Convento e o Palacete, renegando os dois, vive no claustro para fugir de Maurício, mas o que deseja é ir ao mundo. “Desde que me entendo, este o resumo de meus desejos. Além da porta do orfanato existe a vida, além” (OC, p. 18). Tudo isso ela conta numa carta que escreve a Daniel, este sim seu verdadeiro amor, desaparecido no tempo e no espaço. É uma carta muito longa, cheia de reflexões numa linguagem, muitas vezes, cifrada, densa e carregada de sofrimento.

Encerrada no hospício por vontade de Vitória, Catarina se revela ao diretor uma pessoa sem nenhum problema mental. Vive alguns meses esta realidade, trabalhando na escrituração e ajudando no relacionamento com os doentes. De posse de um atestado de sanidade mental, com algum dinheiro no bolso, busca uma pensão e trabalho para refazer sua vida. Contudo, o estigma do hospício vai persegui-la por muito tempo, mas com a frase de Madre Tereza no pensamento – “Tens espada, vais ou não lutar, Catarina?” – ela enfrenta os preconceitos e se impõe. Passa, finalmente, a ter um endereço e uma companheira de quarto, Margarida, sonhadora que deseja transformar o mundo. Catarina rompe com a fé, deixando para trás sua vivência religiosa. “O mundo deu voltas, mora em mim o hospício, não tenho mais quatorze anos, três vezes sete, vinte-e-um”, conclui em suas reflexões. Consegue trabalho como recepcionista no consultório dentário de Henrique, homem simples que vai se revelar, no casamento, um excelente companheiro. Casada há oito anos, reencontra Daniel, afastado da vida religiosa, alto funcionário público e ainda solteiro. Como escritora, Catarina mistura realidade e ficção, crian-

do uma personagem, Beatriz, para se reencontrar com Daniel. É a solução para amenizar seu drama existencial: Daniel ou Henrique? Chega a pensar em ficar com os dois: “Posso ir ao encontro e viver no barco? Tantas não fazem?” (OC, p. 173). Mas o desejo de ser “uma circunferência quadrada”, sonho de sua infância, prevalece. Ela deixa Henrique para não mais voltar. Tem encontro marcado com Daniel. Da janela do loteação, ela o vê “como um fantasma” e desiste de erguer o braço para o sinal. “O correr do loteação é escolha” (OC, p. 179). Volta, então, decidida, para os braços de Henrique.

O romance termina com Catarina sendo despertada por Henrique, que traz Augusta no colo toda pintada de sarampo. No final, o narrador projeta o futuro, mãe e filha no processo de aprendizagem, e termina valorizando as experiências adolescentes:

Caminhando de volta para casa, tomaria o rochedo e a espuma para início de aprendizagem. Havia de descobrir o meio de ensinar-lhe o amor à vida e à realidade. Ensinar-lhe o segredo de manter puro através dos anos aquilo que a vida confia a todo mortal quando penetra na adolescência. Certamente, ainda encontraria na memória as palavras do inventário (OC, p. 181).

A paráfrase dos três romances foi necessária uma vez que quase ninguém leu essas obras de Alina Paim, escritora que só agora começa a ser resgatada da invisibilidade. O comentário crítico de uma narrativa desconhecida pouco efeito alcança sobre o leitor, que a esta altura, de posse do intrincado enredo, estará pensando num folhetim. De fato, roda dos enjeitados, orfanato, palacete, hospício, pensão e casamento refazem uma trajetória folhetinesca, vivida por Catarina. Contudo, a vivência da protagonista através desses espaços é trabalhada de tal forma que sua subjetividade emerge como dado fundamental. Exemplo significativo é o episódio do castigo sob o sino do orfanato. As quarenta horas passadas de pé embaixo do sino vão fortalecer-lhe o caráter, impedindo-a de se submeter ao poder. O sino, elemento desse espaço, vai ser assimilado a sua subjetividade, como símbolo de firmeza, e designa, juntamente com a rosa, fonte de alegria, o primeiro livro da trilogia – *O sino e a rosa*.

O título do segundo livro, *A chave do mundo*, faz referência ao desejo de Catarina de encontrar o caminho para o mundo, longe das injunções do orfanato, do palacete e do hospício. Quando descobre que deve renegar

Daniel, fantasma do passado, e ficar ao lado de Henrique, companheiro da sua vida, reconhece que tem agora a chave do mundo: “Forjei esta chave, naquela noite ao pé da torre, prisioneira, malhada de sino, com fagulhas de medo. Chave que abre o mundo. E somente agora te reconheço” (OC, p. 179). A partir de então se pode falar em Catarina como um corpo liberado, pois quando se tem a chave do mundo, tem-se a liberdade de escolha de abrir a porta desejada. E esta liberdade vem respaldada pelo amadurecimento, pela longa e dura aprendizagem. Faz parte desta aprendizagem, também, a interação com algumas personagens da narrativa. Aurélia, colega de orfanato que adquire sua independência como costureira – “Me veja, Catarina. Da passadeira em meus cabelos ao sapato comprei com o meu trabalho” (OC, p. 87) –, casada, com filhos tem seu próprio endereço. Catarina fica encantada com a transformação da órfã pobre em mulher realizada.

Olhou-a, demoradamente. Sapatos de salto, a saia marrom estampada de crisântemos, uma blusa de ouro velho, aquela passadeira de tartaruga. Entre a gola redonda e a passadeira o rosto novo: lábios entreabertos, olhos de luz direta, faces com um rubor de orgulho, cabelos de ondas livres, esquecidos dos fios tensos do Orfanato. Segunda beleza em Aurélia e, não é mais um sonho do mundo. Deteve-se nos lábios e pareceu-lhe que perdurava neles a vibração das últimas palavras. “Com o meu trabalho, meu trabalho” (CM, p. 88).

A convivência com Arabela, jovem professora prisioneira do hospício onde foi deixada pela mãe, cúmplice do coronel em seus arroubos sexuais, tem um efeito contrário, mas altamente instrutivo. A carência de afeto aproxima as duas e Catarina ajuda a amiga a assumir sua integridade mental. Ela acompanha Arabela à sala do Diretor para que conte sua história:

Certa manhã, subiu ao gabinete acompanhada. Os passos de Arabela, degrau após degrau, respondendo aos próprios passos, eram continuação dos fins de tarde, daquele diálogo de vivências, infância se entrelaçando com infância, sonhos de moça, lutas, o choque, o sino da torre perfurando duas vidas, cunha alargando a fenda, apartando o antes e o depois, porta de significação (OC, p. 79).

Os passos são sempre significativos na obra de Alina Paim. Eles incorporam vários sentidos e ajudam na caracterização dos personagens. Aqui, eles apontam para a consonância entre as duas jovens.

Margarida, companheira de quarto de pensão, traz novos elementos à aprendizagem da protagonista. Revolucionária, quer dedicar sua vida a transformar o mundo e mostra a Catarina sua face política:

Acostumou-se a Margarida, mistura de jambo e tamarindo, macia quando falava de música, suas aulas de piano nos quatro cantos da cidade, agressiva se encontrava a face do pai multiplicada nos rostos inimigos. Têrmos novos lhe caíam de Margarida sobre a vida: simpatizante, militante, capitalismo, exploração, resistência, partisan. Cada pedaço de tempo guarda sua árvore e tem suas folhas. Não soube com certeza em que ramo se abrigava a companheira, simpatizante ou militante. Sua missa e aquela tensão faziam crer no primeiro, véspera de voto (OC, p. 108).

Pelos exemplos aqui registrados deve ter ficado claro o preciosismo da linguagem. Não se trata, propriamente, de uma linguagem rebuscada, mas de uma linguagem cheia de sutilezas semânticas, que exigem do leitor uma atenção redobrada para que o sentido não se perca. No trecho citado acima, por exemplo, o narrador emprega a metáfora da árvore com suas folhas e ramos para situar a posição política de Margarida, que ainda não teria declarado seu voto. A “missa” representa as leituras matutinas sempre iguais, o sacrifício para redenção.

O último livro da Trilogia, *O círculo*, tem um nome, também, muito sugestivo. Lembra o círculo de giz que se faz em volta do peru para que não fuja e, mais diretamente, se reporta às palavras de Madre Tereza, figura importante no processo de libertação de Catarina. “A paixão da memória é círculo de giz. Quem lhe habita o centro vive com fantasmas, como eles cega, surda, estéril, um gelo. Se queres ser viva, escolhe viver com os vivos” (OC, p. 137). É o que faz a protagonista ao recusar o “fantasma” de Daniel e assumir o casamento com Henrique. Vencido este duelo e exorcizado o passado, Catarina tem a chave do mundo para realizar seus sonhos, embora sem nenhuma segurança, uma vez que o futuro é imprevisível, como ela já sabe: “Quantas vezes se nasce, quantas se morre no decorrer de uma vida? E a identidade, quantas se possui? A mesma paixão quantas faces? A verdade, quantas verdades? Um homem, quantos caminhos?” (OC, p. 168).

Essas dúvidas existenciais nos remetem ao “líquido mundo moderno” de Zygmunt Bauman, teoria apresentada na entrevista dada por ele a Benedetto Vecchi. É preciso não perder de vista a condição precária e inconclusa das

identidades, que ele chama de “identidades em movimento”. A construção das identidades se assemelha à construção de um quebra-cabeça, ao qual faltam sempre peças, ficando portanto incompleto. É tarefa de toda uma vida que exige “a libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis”<sup>3</sup>.

É o retrato da nossa Catarina, como corpo liberado.

### **Referências bibliográficas**

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Trad. de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcadia, 1980.
- PAIM, Alina. *A chave do mundo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- \_\_\_\_\_. *O círculo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- \_\_\_\_\_. *O sino e a rosa*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

Recebido em maio de 2009.

Aprovado para publicação em junho de 2009.

---

Elódia Xavier – “A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º. 33. Brasília, janeiro-junho de 2009, pp. 71-80.

---

<sup>3</sup> Bauman, *Identidade*, p. 56.